

UNICAMP

EVENTO:	Cunningham
VEÍCULO:	Apresentação de OCEAN em São Paulo
DATA:	03 de junho de 1994
PÁGINA:	5 - 3
SEÇÃO:	Ilustrada



Cunningham traz 'Ocean' a SP em agosto

O coreógrafo americano, que até domingo se apresenta em Lisboa, vem para o Festival de Música Nova

Ensaio se faz sem música

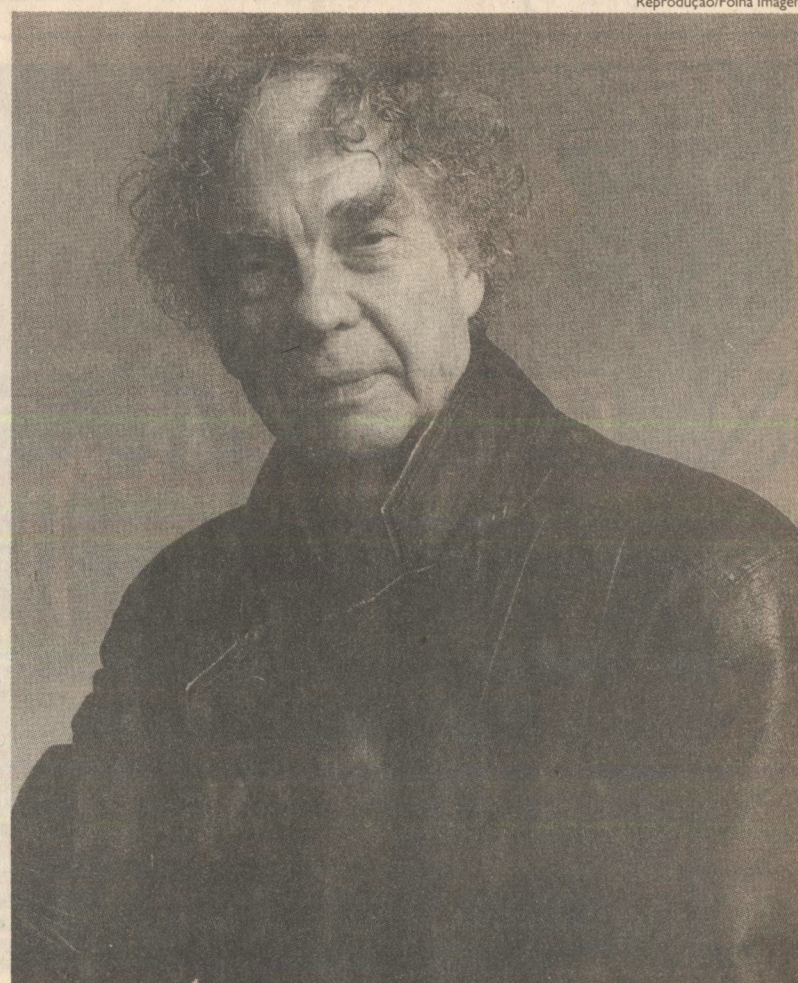
Especial para a **Folha**, de Lisboa

O ensaio geral de "Breakers" e "Enter", cinco horas antes da estréia ontem em Lisboa, foi feito sem música, sem os trajes e sem a iluminação do espetáculo definitivo. Para Merce Cunningham, a música não determina a dança, apenas a acompanha. O espectador faz a junção, como bem entender.

Separar a música da dança é o caminho adotado por Merce Cunningham. O trabalho formal é exaustivo. Cada dançarino segue a sua música interior — o que gera a diversidade.

O conceito de Cunningham é o da memória muscular. São os músculos que guardam a memória do ritmo a ser utilizado na dança.

Desta forma, Cunningham inova na relação entre o corpo e o espaço.



O coreógrafo e dançarino americano Merce Cunningham

JAIR RATTNER

Especial para a **Folha**, de Lisboa

Depois de oito horas de voo entre Nova York e Lisboa, o primeiro pedido do coreógrafo e dançarino Merce Cunningham foi uma barra para exercícios de dança. Aos 75 anos, Cunningham, que é um dos mais importantes criadores de dança dos EUA, ainda participa de seus espetáculos.

Em Lisboa, apresenta até domingo duas coreografias: "Breakers" e "Enter", dentro da programação da Capital Europeia da Cultura.

Sua última inovação foi trazer o computador para a concepção coreográfica. Solista da companhia de Martha Graham — que lançou a "modern dance" — entre 1939 e 1945, optou por outro rumo. No lugar de uma dança expressiva e psicologicamente motivada, trabalha para obter o movimento puro, a dança abstrata.

Em 1953, fundou sua companhia da dança. Entre os artistas com que trabalhou nos últimos 40 anos encontram-se Andy Warhol, Frank Stella, Robert Morris e John Cage. Para agosto, está prevista a sua segunda viagem ao Brasil, para participar do Festival de Música Nova.

A coreografia que ele traz a São

Paulo chama-se "Ocean". Antes, deverá ser apresentada na Bélgica e na Holanda.

"Ocean" foi criada para apresentação no centro de um espaço circular, com o público envolvendo-o de todos os lados. O som viria de vários pontos, com 112 músicos espalhados e sem maestro.

★

Folha — O senhor relaciona o computador com a dança. Como liga as duas coisas?

Merce Cunningham — Há um software para a dança que foi desenvolvido na Universidade Simon Fraser, no Canadá, chamado "Life Forms" (Imagens de Vida). É um programa como outro qualquer. Dá para guardar isso na memória. Assim pode-se fazer frases de movimentos humanos. Eu começo o trabalho em uma nova coreografia assim. Experimento os movimentos no computador.

Folha — E os dançarinos conseguem repetir esses movimentos?

Cunningham — Sim, porque eu não espero que eles fiquem iguais ao do computador. Eles são dançarinos. É como em uma pauta de música, que cada músico toca do seu jeito.

Folha — Para isso o senhor deve ter dançarinos especiais. Como o senhor os escolhe?

Cunningham — Temos aulas de dança no nosso estúdio nos Estados Unidos. Dos alunos, formamos a companhia. Eles, têm que ser muito fortes e muito flexíveis, não só no corpo, mas no espírito.

Folha — O senhor trabalhou com um brasileiro, Emanuel Dias de Melo Pimenta. Como começou a trabalhar com ele?

Cunningham — John Cage esteve num festival de música em São Paulo há alguns anos e o Emanuel era um dos músicos. John ouviu a música dele e ficou interessado. Quando voltou aos Estados Unidos, eu estava trabalhando em uma nova coreografia. Ele sugeriu usar a música do Emanuel. Eu ouvi e gostei.

Folha — Como o senhor trabalha com um músico. Pede para criar música especialmente para a coreografia?

Cunningham — Nesse caso, a música do Emanuel já estava composta. Mas do jeito que eu trabalho, a coreografia é separada da música. Elas são unidas no momento da performance. Nas duas coreografias apresentadas em Lisboa, a dança foi composta separadamente da música. A dança não depende da música. Depende de si própria. O espectador é que as coloca juntas.